Bíblia e ecologia à luz da *Laudato Si*

The Bible and ecology in light of the *Laudato Si*

Recebido: 11/11/2016. Aprovado: 16/12/2016.

*Silvia Regina Nunes da Rosa Togneri**

Resumo: *Estamos passando atualmente por desafios ecológicos que nos fazem refletir sobre suas causas e como poderemos combatê-las. O artigo apresenta um olhar sobre alguns textos bíblicos que se referem mais especificamente à criação de Deus e à responsabilidade dos seres humanos nela. O termo ecologia é estudado e apresentado também em sua relação com a Bíblia e a Teologia. A preocupação de toda a Igreja com o meio ambiente e as questões ecológicas é desenvolvida na Carta Encíclica Laudato Si do papa Francisco, que nos pede atenção e cuidado com a nossa casa comum.*

Palavras-chave: *Bíblia. Ecologia. Laudato Si.*

Abstract: *We are being challenged nowadays by ecological problems which make us consider their causes and how we can fight them. This paper draws our attention to some biblical texts which are more focused on God's creation and the responsibility humans have towards it. The term ecology is studied and presented in its relationship with the Bible and the Theology. The concern of the Church with environmental and ecological questions is addressed in Pope Francis' Encyclical Letter Laudato Si, in which he asks for our attention and care towards our common home.*

Keywords: *Bible. Ecology. Laudato Si.*

* Mestre em Teologia. Professora na Faculdade Católica de Santa Catarina – Florianópolis e no Centro Universitário Católica de Santa Catarina – Joinville.
E-mail: silviatogneri@gmail.com

Introdução

As relações dos textos bíblicos com a ecologia a princípio não parecem tão evidentes, uma vez que, inicialmente, a ação de Deus foi vista como a do resgatador das pessoas consideradas excluídas, doentes, empobrecidas e até pecadoras. Foi-lhe também atribuída a eleição de um povo para ser o modelo de fidelidade e seguimento a ele em tudo o que desejava para a melhor convivência das pessoas entre si. Mas a base do entendimento da ação divina se dá também a partir do seu ato criador. Ora, a criação de Deus é realizada com um amor libertador que dá gratuitamente vida a todos os seres. É, também, a partir da encarnação de seu Filho em Jesus de Nazaré que precisamos completar nosso entendimento de sua ação criadora. Portanto, estudar os textos bíblicos sem considerar esses aspectos poderia deixá-los sem a sua base fundamental.

O que nos propomos, no estudo da Bíblia com a ecologia, é analisar alguns textos bíblicos que se referem mais especificamente à criação do mundo e ao seu cuidado, o estudo do termo “ecologia” e sua relação com a Bíblia e com a Teologia, e ainda alguns pontos da Carta Encíclica do papa Francisco, *Laudato Si*, sobre o cuidado com a casa comum, especialmente seu capítulo II.

1 Alguns textos bíblicos relacionados com a criação

Nas primeiras páginas da Bíblia encontramos dois capítulos destinados à narração da criação. São duas tradições que relatam no seu entendimento a ação criadora de Deus de tudo o que há no mundo e do objetivo da criação. A criação se dá após a palavra de Deus ser dita. É o “*dabar*” de Deus que torna realidade a sua vontade. Após cada ato criador, Deus comprova que seu ato foi bom, até coroar com êxito toda a sua obra. No final, o texto bíblico assevera: “*E Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom*” (Gn 1,31a).

Assim, percebemos que toda a criação é muito boa e que ela é fruto da vontade livre e amorosa de Deus. Por isso, somos convocados a manter o mundo criado por Deus como “muito bom” em todos os seus aspectos. Também, somos convidados a contemplar essa criação como “muito boa” e não nos enclausurar nas casas ou entre paredes, sem deixar de usufruir da beleza de cada amanhecer, de cada pôr de sol, da chuva

que refresca a terra e que nos dá a água de que necessitamos, enfim, a natureza como um todo do mundo criado por Deus.

*Deus disse: “Haja luz’, e houve luz. E Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz das trevas” (Gn 1,3-4).*¹ Este é o relato do que aconteceu no primeiro dia. É a partir daí que as pessoas que redigiram o texto, num sentido poético, perceberam que também é vontade de Deus que o mundo não viva em trevas e, por isso, a ação de Deus ao criar a luz é boa. Um reflexo de que no mundo não pode haver apenas trevas. Num mundo sem luz não poderíamos nos reconhecer como criaturas de Deus e nem perceber o valor e a beleza da sua criação. O dia e a noite têm suas funções naturais, que não podemos modificar.

A narração da criação após a separação do dia e da noite segue uma ordem natural: *“Haja um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas” e assim se fez (Gn 1,6); “Que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar e que apareça o continente” e assim se fez (Gn 1,9); “ Que a terra verdeje de verdura: ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem sobre a terra segundo suas espécies frutos contendo sua semente” e assim se fez (Gn 1,11); “Que haja luzeiros no firmamento do céu para separar o dia e a noite...” (Gn 1,14); “Fervilhem as águas um fervilhar de seres vivos e que as aves voem acima da terra, sob o firmamento do céu,”... e Deus os abençoou ... (Gn 1,20.22a); “Que a terra produza seres vivos segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e feras e segundo sua espécie” e assim se fez (Gn 1,24).* Há uma cadeia natural de relações em que o mundo criado serve de ambiente para a sobrevivência de todos os animais que em sequência são criados e abençoados por Deus.

Ainda completando a criação, Deus introduz alguém que é semelhante a ele e não é como os outros animais: *“Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança... E Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou” (Gn 1,26-27).* A semelhança divina é o que distingue os seres humanos dos outros animais criados por Deus. Por esse motivo, somos tão importantes para Deus. E Deus também nos dá condições de sobreviver no mundo criado por ele: *“Eu vos dou todas as ervas que dão sementes, que estão sobre toda a superfície terra e todas as árvores que dão frutos que dão sementes: isso será vosso alimento. A todos os animais da terra...,*

¹ Os textos bíblicos são tirado da BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. 7ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2002.

eu lhe dou como alimento toda a verdura das plantas” e assim se fez (Gn 1,29-30). Toda a criação recebe assim as condições necessárias para sobreviver no mundo: terra, água, ar, calor, vegetais e animais, os quais servem para a manutenção natural do ciclo de vida. Percebemos que Deus não abandona sua criação. Ele a mantém diariamente.

Para fazer compreender a real função do ser humano no mundo, outra narrativa da criação diz: *“Deus tomou o ser humano e o colocou no jardim de Éden, para o cultivar e guardar”* (cf. Gn 2,15). Essa é a real função de todo ser humano. É o contraponto ao texto de Gn 1,28, que muitas vezes, pela ordem dada por Deus aos seres humanos de “submeter” a terra e “dominar” sobre todos os animais, foi interpretado de forma errônea. Pois não se refere a uma exploração desmedida sobre toda a criação de Deus e não supõe que o ser humano seja absoluto em relação à terra, à água, à natureza, enfim, a todos os outros seres criados por Deus.

Para realizar a ação de “guardar” a criação de Deus, é necessário que as pessoas estejam atentas a tudo o que possa causar dano e prejudicar o que Deus criou e, mais ainda, cuidar para que ela não desapareça, não se acabe devido ao seu uso indiscriminado, injusto e por agressões poluidoras do meio ambiente. A palavra “cultivar” nos remete a um cuidado esmerado que todo ser humano deve ter com a criação de Deus. Fazer com que ela prospere e encontre a plenitude para todos os tempos, lugares e pessoas.

Lembremos ainda o lema da CF Ecumênica de 2016 – tirado do livro do profeta Amós: *“Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca”* (Am 5,24). Ele nos alerta para dar atenção especial às relações justas entre os seres humanos e, também, deles mesmos com a criação de Deus. Porque, se for alvo de ações criminosas, que não respeitam os direitos de cada criatura de Deus e não recebem a atenção e o cuidado que lhes é devido, toda a criação então “gerará como em dores de parto” (cf. Rm 8,22).

O que o apóstolo Paulo nos diz em Rm 8,22, que foi o lema da CF 2011, já denuncia a situação em que a criação de Deus está sofrendo pelo uso indiscriminado dos recursos naturais e mais ainda pelas ações poluidoras das águas e do ar, devido às atividades industriais, ao desmatamento das florestas, muitas vezes fruto da ganância econômica, que tantos males traz aos seres humanos e à natureza como um todo.

O profeta Oseias já nos adverte que, quando as relações dos seres humanos entre si e com a natureza são totalmente injustas, o país fica

abatido e os animais silvestres e as aves do céu e até os peixes do mar desaparecem (cf. Os 4,1-3). A denúncia de Oseias, infelizmente, cada vez mais se torna realidade. Nosso planeta está sendo consumido em seus recursos naturais de forma desmedida e avassaladora. Segundo os dados do Relatório Living Planet: Planeta Vivo, em 2010, no ano de 2005 já precisávamos de 145% da Terra para todas as demandas humanas (1,5 Terra); no ano de 2011, precisávamos de 170% da Terra para todas as demandas humanas (quase 2 Terras); e em 2030, precisaremos de 3 planetas para todas as demandas humanas.²

No livro do profeta Jeremias, também encontramos acusações aos seres humanos, maus, injustos e infiéis, porque suas ações fazem que a terra seja afetada: *“Porque a terra está cheia de adúlteros; sim, por causa de uma maldição, a terra está de luto e as pastagens do deserto estão secas; o seu caminho é a maldade e sua força a injustiça”* (Jr 23,10). Infelizmente, no mundo, a ação de pessoas injustas, más e gananciosas, afeta as relações naturais do ciclo de vida; e a terra permanece enlutada, sem alegria de gerar e manter a vida.

Queremos também lembrar o que Jesus disse a respeito de sua vinda ao mundo: *“Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância”* (Jo 10,10). Jesus é a presença criadora e restauradora de Deus no mundo, e essa presença atinge toda a obra criadora de Deus. Por esse motivo, a vida deve ser abundante em todos os âmbitos da criação. É o próprio Jesus que nos recorda que a criação de Deus obedece a um ciclo natural,³ no qual não podemos interferir de modo abrupto nem procurar modificar. No entanto, as nossas ações desrespeitosas e poluidoras da natureza estão interferindo nesse ciclo natural. O resultado são os eventos naturais desmedidos que estamos sofrendo: chuvas muito intensas em um único lugar e grandes secas, muitas vezes prolongadas, em outros lugares.

2 A criação para o Sábado e para o Reino de Deus

De acordo com Pilato Pereira, “podemos dizer que a criação não foi uma necessidade de Deus, mas um fruto de sua vontade, de sua livre

² BARBAULT, Robert. *Ecologia geral: Estrutura e funcionamento da biosfera*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 418.

³ Cf. Mt 8,20; 16,2-3; Lc 12,24-27.

decisão”.⁴ E da criação todos podemos usufruir. Seguindo o pensamento de Susin (apud Pereira): “Deus cria dando liberdade, como a mãe que dá um espaço e tempo seus e envolve todo o seu corpo para que outra pessoa tenha um espaço. Deus, por seu amor, renuncia a ocupar todos os espaços”.⁵ Por isso, a importância da participação do ser humano na manutenção da criação de Deus, fazendo acontecer a sua função de jardineiro fiel e cuidador do mundo.

Evidenciando a importância do sétimo dia, o autor afirma: “Deus criou durante seis dias e no sétimo dia ele fez a parte mais importante da criação: no sábado, Deus abençoou e santificou a criação. E ela passa a ser reconhecida como criação de Deus”.⁶ Para evidenciar a importância do sétimo dia, Moltmann (apud Pereira) nos lembra que: “No sábado, a criação chega à sua plenitude”.⁷ De fato, a obra de Deus é consumada no sábado (Gn 2,2-3). Para Pereira, com base em Junges, “ao criar, Deus sai de si e, no Sábado, ele retorna a si, mas este retorno não o separa da criação. O descanso de Deus é o repouso das criaturas em Deus. Significa a presença de Deus em toda sua plenitude na criação. E a criação existe na presença de Deus”.⁸ Evidenciando a plenitude da criação que se consuma no sábado para um tempo perfeito e livre, Susin declara:

*No sábado se reconhece a dignidade e a fraternidade das criaturas, pode-se gozar da presença e da imediatez escatológicas, tempo sem fim, sem relógio, sem consciência de tempos que passam, sem exigências de trabalhos e produção, simplesmente no prazer de existir face a face, em comunhão e amizade criatural, tempo de convivência gratuita, de conversas e canções.*⁹

Assim, toma-se consciência de que o Sábado tem seu objetivo de integrar toda a criação com seu curso natural, em que não há necessidade de intervenção humana, porque Deus completou sua obra e a abençoou nesse dia.

⁴ PEREIRA, Pilato. Visão cristã da ecologia. Uma teologia da criação. In: *Cadernos da ESTEF*. Nº 33 (2004b). Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, v. 14, n. 33, p. 79.

⁵ Id., *ibid.*, p. 80.

⁶ Id., *ibid.*, p. 80.

⁷ Id., *ibid.*, p. 80.

⁸ Id., *ibid.*, p. 80.

⁹ SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus: Deus e Criação*. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquem, 2003. p. 82. (Coleção Livros Básicos de Teologia 5).

3 A vocação do ser humano na criação

De acordo com o relato de Gn 1,27-31, “já era o sexto dia quando Deus criou o homem e a mulher, dando a eles a missão, não de dominar, mas de cuidar. Por ter sido criado no sexto dia, na véspera do Sábado, o ser humano tem a missão de ‘conduzir’ a criação ao Sábado”.¹⁰ Porém, ao longo da história, o problema que percebemos, em relação à função do ser humano na criação, foi uma interpretação errônea das palavras “dominar” e “submeter”, que aparecem em Gn 1,28: *Deus os abençoou e disse: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra”*. Muitas vezes, a ação humana se voltou apenas a submeter a terra a toda exploração sem respeitar os seus ciclos naturais e, também, toda fauna e flora que nela vive. E, mais ainda, a dominação do ser humano sobre as outras criaturas de Deus (terra, águas, animais e vegetais) e de algumas pessoas sobre as outras, desrespeitando o direito inalienável de vida para todos.

A respeito dos relatos sobre a criação que encontramos na Bíblia, conforme Moltmann, Pereira lembra:

*No primeiro relato (Gn 1,27-28), o ser humano tem a missão de dominar sobre a natureza com o seu conhecimento, com o uso de técnicas, para torná-la ainda melhor e mais produtiva de forma a respeitar o ciclo natural. Mas, infelizmente não foi isso o que aconteceu ao longo dos anos. Um desrespeito ao ciclo natural de reprodução... Já o segundo relato da criação do ser humano (Gn 2,4b-25) utiliza os verbos “cultivar e guardar” e, portanto, ajuda na melhor interpretação do primeiro relato.*¹¹

Todos nós temos a responsabilidade de cultivar e guardar a criação de Deus, não apenas para nosso usufruto e de forma natural e sustentável, mas para que as gerações futuras também possam usufruir da criação de Deus de forma plena.

4 A Bíblia e as exigências ecológicas

Neste ponto seguiremos o pensamento de Mazzarolo, que enfatiza a necessidade de seguirmos algumas exigências da sabedoria bíblica

¹⁰ SUSIN, 2003, p. 95.

¹¹ PEREIRA, (2004b), p. 84.

como imperativos éticos, sociológicos e políticos, para qualquer cultura. Ele assim os apresenta:

*1. A consciência de ser criatura à imagem e semelhança de Deus; 2. O saber que virão outros depois de mim; 3. A natureza se vinga sempre; 4. A natureza segue os ciclos próprios a fim de manter seu equilíbrio; 5. O ser humano é feito do barro, uma condição igual para todos; 6. A inteligência e o sopro divino, que muitos chamam de alma, espírito, energia, pedem um olhar sábio sobre o lugar e a vida no universo; 7. O universo, como obra do Criador, é harmonia, integração, um Paraíso; 8. O bem e o mal são opções do ser humano; 9. O meio ambiente não pode ser cuidado com critérios utilitaristas; 10. A produção de bens não pode ser uma questão de mercado, mas um processo de maturidade humana e responsabilidade social e política; 11. A ecologia precisa partir da contemplação: tudo fala de Deus...; 12. Deus é tudo em todas as criaturas. O que foi feito para mim, também foi feito para os outros, ontem, hoje e amanhã.*¹²

A sabedoria bíblica, fruto da observação da vida e da criação de Deus, nos traz importantes considerações que precisamos levar em conta no nosso dia a dia, para que haja um perfeito relacionamento dos seres humanos com a criação.

O mesmo autor ainda nos recorda que “a relação da Bíblia com a Ecologia e o meio ambiente obedece à máxima inexorável: “*Lembra-te de que és pó e ao pó voltarás*” (cf. Gn 2,7). Por isso, a necessidade de respeitar a natureza como criação não é apenas uma questão religiosa, mas consciência da nossa existência provisória e transitória, porque nascemos nus e voltaremos nus”.¹³ O texto também nos faz pensar que tudo o que pudermos agregar para melhor na criação de Deus será sempre para o bem de todos e não apenas para nosso único usufruto. Citando Dalai Lama: “As criaturas que habitam esta terra em que vivemos, sejam elas seres humanos ou animais, estão aqui para contribuir, cada uma à sua maneira peculiar, para a beleza e prosperidade do mundo”.

Infelizmente, não é o que temos observado ao longo dos anos, uma vez que o planeta está sendo ameaçado por inúmeras ações realizadas pelos seres humanos, as quais são desfavoráveis ao equilíbrio ecológico de todo o meio ambiente. A emissão de gases de efeito estufa tem contribuído em muito para o aumento da temperatura do planeta. A 21ª Conferência das

¹² MAZZAROLO, Isidoro. *Florilégios da Bíblia*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2009. p. 44-45.

¹³ Id., *ibid.*, p. 46.

Nações Unidas (COP 21 da ONU), realizada em Paris, no ano de 2015, com o Acordo de Paris, já deu alguns passos positivos em relação a esse problema, em que houve o compromisso de redução dos gases de efeito estufa. Mas ainda precisamos nos manter em alerta: segundo a ONU, é necessário uma redução urgente e radical desses gases, para que não soframos uma tragédia.¹⁴ Espera-se que os países que assinaram o Acordo de Paris, o ratifiquem realmente. A 22ª Conferência da ONU sobre o clima (COP 22) que se realiza em novembro de 2016, em Marrakech, tem esse objetivo.

Mas ainda há uma situação que precisa ser levada em consideração, porque, se não controlarmos a emissão dos gases de efeito estufa, a temperatura da terra tende a aumentar. Já o ano de 2015 foi um dos mais quentes e o ano de 2016 segue na mesma condição. Segundo Aquino: “O século XX/XXI é um dos mais quentes dos últimos 1000 anos”.¹⁵ Esses dados já nos mantêm em estado de alerta, porque a atividade humana tende cada vez mais a usar de recursos que causam o aumento da temperatura do planeta.

5 Ecologia

De acordo com Dajoz, em 1866 – Ernst Haeckel (a partir de um subcapítulo da biologia) definiu ecologia a partir do significado dos termos gregos: *óikos* e *logos* (casa e reflexão, estudo, tratado).¹⁶ Boff faz uma ampliação na definição de ecologia: “O estudo da interdependência e da interação entre os organismos vivos (animais e plantas) e o seu meio ambiente (seres inorgânicos)”. E complementa: “a ecologia, para nós, hoje, significa um interesse global, uma questão de vida e de morte da humanidade e de todo o sistema planetário”.¹⁷ A ampliação do conceito nos lembra que não estamos sozinhos neste planeta e que nele chegamos por último. Por isso, temos o dever de mantê-lo como o recebemos, exercendo por isso relações respeitadas com toda a criação.

¹⁴ Cf. <<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2016/11/1829188-onu-alerta-que-mudancas-climaticas-podem-causar-tragedia-humana.shtml>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

¹⁵ AQUINO, Francisco Eliseu. *Palestra sobre a CF-2017. Fraternidade e Biomas brasileiros e defesa da vida*. Lages, Santa Catarina, 05/11/2016. O Dr. Aquino faz parte do Departamento de Geografia, do Centro Polar e Climático do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁶ DAJOZ, R. *Ecologia geral*. Petrópolis: Vozes, 1979. p.13-14.

¹⁷ BOFF, L. *Ecologia – mundialização – espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993. p. 17-19.

Assim, para Boff a ecologia pode também ser definida como: “Ciência e arte das relações dos seres criados”.¹⁸

Lembramos ainda que a ecologia estuda as relações dos seres vivos entre si e com o meio ambiente, e as consequências dessas relações. De acordo com o biólogo Barry Commoner, a primeira lei da ecologia é que tudo está ligado a todo resto. Assim, dependemos integralmente do meio ambiente. Por isso, qualquer ação que interfira de forma negativa em um bioma acarretará, também, consequências negativas a todo o meio ambiente.

Ainda conforme Dajoz, a ecologia está subdividida em: “auto-ecologia, que estuda apenas as relações de uma determinada espécie com o seu meio; dinâmica das populações, que procura ver as causas das variações da abundância das espécies; e a sinecologia que observa as relações entre os indivíduos de diversas espécies de um grupo e seu meio”.¹⁹ A tarefa da ecologia é também estudar os sistemas sociais em interação com os biomas – áreas geográficas de grande tamanho, formadas por um conjunto de ecossistemas semelhantes entre si. No Brasil temos os seis biomas legalmente reconhecidos: (Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata atlântica, Pampa e Pantanal). Cada bioma por sua vez é formado por ecossistemas – conjunto formado pela interação entre os organismos vivos (plantas, animais e micróbios) e os componentes químicos (ar, água, solo e minerais) em um local.

Leonardo Boff apresenta a diferenciação da ecologia em quatro dimensões: ecologia ambiental, social, mental e integral.

Ecologia ambiental: ligada ao cuidado com o ambiente em que se vive (natureza), propõe um caminho diferente no relacionamento com a natureza. [...] A proposta da ecologia ambiental é que sejam desenvolvidas técnicas científicas de preservação da natureza e dos seres que a constituem.

Ecologia social: compreende não só o meio ambiente, mas todo o modo de vida social. Busca-se a integração do desenvolvimento social com o ecológico, ao englobar a cidade e suas condições de existência (saúde, emprego, educação, saúde...). Apresenta o desenvolvimento sustentável como uma forma de superação da crise ecológica.

Ecologia mental: mostra que o problema ecológico não está no tipo de sociedade que vigora, mas na mentalidade que as pessoas têm acerca

¹⁸ Id., *ibid.*, p.19.

¹⁹ DAJOZ, R. 1079, p.14.17.

da ecologia. O ser humano possui em si instintos de violência, vontade de dominação. O antropocentrismo considera o ser humano rei/rainha do universo. Considera que os demais seres só têm sentido quando ordenados ao ser humano. [...] A proposta da ecologia mental é resgatar o reencantamento pela natureza, o respeito do humano em relação aos outros seres.

Ecologia integral: oferece uma nova visão sobre a Terra, que foi elaborada a partir do fato de os astronautas (nos anos 60) terem contemplado o planeta a partir de seu lado de fora. Nesse olhar, as desigualdades existentes não foram percebidas, mas sim, que tudo está situado dentro do mesmo globo (a Terra). O ser humano é a própria Terra enquanto sente, pensa, ama, chora e venera. A proposta desse tipo de ecologia é ver o mundo com outros olhos, percebendo a interligação existente entre todas as coisas: o ser humano, a sociedade e o planeta.²⁰

A contribuição dessa análise de Boff é fundamental para que possamos entender toda a problemática que estamos vivendo em relação às mudanças climáticas no nosso planeta e, essencialmente, procurar combater as suas causas. No centro de toda essa diferenciação está a ação humana na sua forma de se relacionar com a natureza. Acreditamos que um dos fatores cruciais é o antropocentrismo exacerbado ligado também ao modo de vida humana da atualidade, o qual está concentrado nas cidades. Esse modo de vida distancia os seres humanos da natureza e consequentemente gera a exigência de que ele seja servido totalmente por ela, onde não há lugar para uma relação de trocas respeitadas, harmônicas e naturais com toda a criação. A natureza como um todo está ameaçada e, por isso, grita da forma que lhe é peculiar, causando muitas vezes desastres ecológicos, sendo que nesses eventos os mais prejudicados são os seres humanos mais empobrecidos. Sabemos que 90% dos danos causados à natureza são devidos à atividade irresponsável e irracional dos seres humanos.²¹

Por isso, segundo Boff, defensor da ecologia integral: “precisamos passar de uma ecologia ambiental para uma ecologia integral, em que se dá conta de que a Terra é parte de um universo em evolução e que devemos viver em harmonia com o Todo, uno complexo e carregado de propósito”.²² Também aponta que a grande transformação ocorrida de uma economia de mercado para uma sociedade de mercado ou só de

²⁰ BOFF, Leonardo. *Ética da vida*. Brasília: Letraviva, 1999. p. 25-31.

²¹ BOFF, Leonardo. *A grande transformação: na economia, na política e na ecologia*. Petrópolis: Vozes, 2014. p.12.

²² Id., *ibid.*, p.14.

mercado, leva tudo a ser mercadoria, “do sexo à Santíssima Trindade”... Até a água potável, as sementes, o solo, órgãos humanos, são objetos de compra e venda! “Porque a sociedade de mercado criou também a iníqua *injustiça ecológica*”.²³

O papa João Paulo II, em sua Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, em 1987, já nos advertia a respeito da necessidade de relações harmoniosas dos seres humanos com a natureza. No número 34 da encíclica indica três pontos necessários para o respeito pelos seres que formam a natureza visível, pela ordem do cosmo:

- a) Não se pode usar das diversas coisas da natureza apenas em função das próprias exigências econômicas, “sem ter em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos”;
- b) Em razão da limitação dos recursos naturais, alguns, dos quais não são renováveis;
- c) Devido às consequências de certo tipo de desenvolvimento, que provoca “a contaminação do ambiente, com graves consequências para a saúde da população”. “Não se pode falar de liberdade de ‘usar e abusar’, ou de dispor das coisas como melhor agrade [...]. Nas relações com a natureza nós estamos submetidos a leis, não só biológicas, mas também morais, que não podem impunemente ser transgredidas”.²⁴

Devido à ação humana que agride o meio ambiente, estão ocorrendo mudanças climáticas em todo o mundo. No Brasil, também os biomas estão sendo atingidos e, por isso, estão sofrendo profundas alterações: início de desertificação, no caso do bioma Caatinga que possui apenas 30% de sua área preservada; arenização e erosão, no caso do bioma Pampa, que tem apenas 36% de área natural remanescente; perda da cobertura natural do bioma Mata Atlântica, que dela possui apenas 7 a 8 % e nele alguns ecossistemas foram extintos e há ainda o perigo do desaparecimento das restingas e dos manguezais. Entre os biomas brasileiros, a Mata Atlântica é o mais afetado de todos na sua cobertura florestal natural, devido à colonização, agricultura e estabelecimento de grandes cidades e áreas industriais.

²³ Id., *ibid.*, p. 10.

²⁴ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*, pelo vigésimo aniversário da Encíclica *Populorum Progressio*, em 1987. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 62-64.

No ambiente das cidades destacamos alguns problemas ecológicos aos quais as populações estão sendo submetidas: a) poluição do ar; b) escassez de água; c) impermeabilização do solo; d) efeito estufa; e) saneamento básico; f) consumo voraz (matéria, alimentos); g) resíduos descartados de forma inadequada e acumulados em locais inapropriados; h) ocupação desordenada.

Esses problemas, quando combinados de forma cumulativa, contribuem em muito para a agressão ao meio ambiente e, também, para a má qualidade de vida das populações empobrecidas, especialmente as concentradas nas periferias das cidades. Por tudo isso, faz-se necessário um caminho de espiritualidade ecológica que possa ajudar a melhorar as relações dos seres humanos com o meio ambiente.

5.1 Espiritualidade cristã de ecologia

Um dos pontos de partida para o desenvolvimento da espiritualidade cristã ecológica é a sua própria finalidade como ciência, porque: “A ecologia, vista como ciência que estuda as relações dos seres, ou como atividade e preocupação humana na solução dos problemas ambientais, não é uma ecologia completa”.²⁵ Não podemos apenas preocupar-nos com os danos causados ao meio ambiente, mas também procurar combater a causa desses danos. Esse é o grande desafio que precisamos enfrentar, uma vez que, também, é um desafio ético-ecológico. Uma solução está na implantação do desenvolvimento sustentável, que respeita o meio ambiente como um todo. Porém, o grande impedimento para que ele se torne realidade é o sistema capitalista em que vivemos, o qual exige cada vez mais produção da terra, com a exploração desrespeitosa de todos os recursos do meio ambiente. Na maioria das vezes, o que interessa é o acúmulo de dinheiro conseguido com a exploração da natureza.

A humanidade vive de uma forma ou outra uma relação com o transcendente, e para os cristãos essa relação se dá a partir do reconhecimento de Deus como criador de tudo, o que é uma questão de fé. Por isso, “a ecologia precisa da espiritualidade, pois a relação do ser humano com a Terra deve ser sempre uma relação amorosa, fraterna, enfim, com valores que podem ser cultivados na espiritualidade. Daí a importância de trazer o tema da ecologia para a teologia”.²⁶ O anúncio da Boa Nova com Jesus de Nazaré

²⁵ PEREIRA, (2004b), p. 86-87.

²⁶ Id., p. 87.

é primeiramente destinado à libertação dos empobrecidos, injustiçados, doentes e excluídos. O que estamos percebendo é que a natureza e toda a criação estão sofrendo: exploração desmedida, empobrecimento, injustiça. As relações justas e igualitárias são uma necessidade no mundo. Assim, “a ecologia descarta o direito do mais forte e proclama a interdependência entre todos os seres, porque cada ser tem uma função indispensável no funcionamento da vida do universo e a natureza é perfeitamente sábia e age sempre em defesa de sua integridade”.²⁷

Devido à atual situação do meio ambiente, que é o resultado acumulativo de inúmeras agressões sofridas, o papa Francisco nos apresenta, na Carta Encíclica *Laudato Si*, uma análise da problemática e sugere inúmeras ações que se tornam urgentes para a defesa da nossa casa comum.

6 A Carta Encíclica *Laudato Si*²⁸

De uma forma inusitada em relação com as encíclicas sociais, o tema da *Laudato Si* – Louvado sejas –, sobre o cuidado da casa comum, é elaborado dentro de um novo paradigma ecológico, o que também nenhum documento oficial da Organização das Nações Unidas (ONU) elaborou até hoje. Apresenta dados seguros das ciências da vida e da terra e acolhe as contribuições de pensadores católicos, protestantes e muçulmanos, uma vez que o tema interessa a todo ser humano. Faz uma leitura afetiva dos dados, discernindo os dramas humanos que estão por trás deles e também dos sofrimentos da Mãe Terra. E encontra razões para a esperança e confiança em encontrar soluções viáveis por parte do ser humano.

A *Laudato Si* está dividida em seis capítulos, segundo a metodologia ver, julgar e agir: 1. O que está acontecendo com a casa comum? (n. 17-61); 2. O evangelho da criação (n. 62-100); 3. A raiz humana da crise ecológica (n. 101-133); 4. Uma ecologia integral (n. 137-201); 5. Algumas linhas de orientação e ação (n. 163-201); 6. Educação e espiritualidade ecológicas (n. 202-246).

Iremos primeiramente abordar o capítulo dois – O Evangelho da Criação –, que é o “julgar” da Carta Encíclica. Ele está subdividido nos

²⁷ PEREIRA, Pilato. Introdução à ecologia numa perspectiva pastoral. In: *Cadernos da ESTEF*. Nº 32 (2004a). Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, v. 13, n. 32, p. 71.

²⁸ FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

seguintes pontos: 1. A luz que a fé oferece (n. 63-64); 2. A sabedoria das narrações bíblicas (n. 65-75); 3. O Mistério do Universo (n. 76-83); 4. A mensagem de cada criatura na harmonia da criação (n. 84-88); 5. Uma comunhão universal (n. 89-92); 6. O destino comum dos bens (n. 93-95); 7. O olhar de Jesus (imagem de Jesus) (n. 96-100).

Inicia afirmando no n. 63 que, se tivermos presente a complexidade da crise ecológica e suas múltiplas causas, deveremos reconhecer que as soluções não podem vir de uma única maneira de interpretar e transformar a realidade.

Com base na tradição judaico-cristã, o papa afirma que é mais próprio usar o termo criação do que natureza. Porque por “natureza” entendemos um sistema que se analisa e questiona. Já a criação subentende uma inter-relação, um dom que surge da mão aberta de Deus, Pai de todos, uma realidade iluminada por amor para uma comunhão universal. Ele evidencia que a terra nos precede e que não nos pertence, porque pertence a Deus. A terra é um dom que nos foi dado. É a casa comum para toda a criação de Deus.

É a criação que nos leva a reconhecer um Deus todo poderoso, que por amor criou todas as coisas, e o ser humano como criatura especial, o qual ficou responsável por cuidar de toda a obra criada. Apresenta as três dimensões da inter-relação entre as criaturas: relação com Deus; relação com o próximo e relação com a terra. Lembra que essa tríplice relação já aparece nas Sagradas Escrituras, desde o livro do Gênesis, passando pelos salmos e os livros proféticos.

Com relação ao destino comum dos bens, no n. 93 ressalta que a terra é, essencialmente, uma herança comum, cujos frutos devem beneficiar a todos. Baseado na Carta Encíclica *Laborem exercens*, de João Paulo II, lembra que “Deus deu a terra a todo o gênero humano para que ela sustente todos os seus membros, sem *excluir nem privilegiar ninguém*”. Por isso, precisamos lutar para que essa perspectiva social seja incorporada na vida, de modo que os direitos fundamentais dos mais necessitados sejam reconhecidos.

Em Jesus Cristo, apresenta três pontos fundamentais: reconhecer que Deus é Pai de todas as criaturas; sentir a necessidade de viver em contato permanente com toda a criação; e viver em harmonia plena com todas as coisas, e com todos os seres humanos de todos os tempos e lugares. A partir da visão cristã, no n. 95 ressalta que o meio ambiente é

um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos. Por isso, a relação dos seres humanos com a terra não pode ser uma relação de poder, mas de reciprocidade responsável.

O papa Francisco ainda nos recorda que, segundo os relatos bíblicos, o mundo todo está relacionado. Portanto, o cuidado de nossa própria vida se torna inseparável da fraternidade, da justiça, do respeito e da fidelidade com toda a criação. Faz também um chamado a todos os crentes e não crentes para cuidar da nossa casa comum. Alerta, porém, a todos os cristãos, porque eles têm a maior responsabilidade em cuidar da criação, dom de Deus.

No capítulo V, encaminha algumas linhas de orientação e ação, a partir da pergunta norteadora: De que maneira nossa fé de cristãos nos motiva a nos envolver nas questões ecológicas? No n. 164 nos oferece já uma resposta de compromisso positivo: porque a interdependência obriga-nos a pensar num único mundo, num projeto comum. Assim, há a necessidade de um processo transformador que seja educativo e espiritual e se traduza em amor civil e político que nos impulse a: 1. voltar a sentir que precisamos uns dos outros; 2. tomar consciência de que vale a pena ser honesto; 3. abrir-se ao amor social universal; 4. e ao efetivo cuidado da natureza e dos mais pobres.

No n. 240, encerrando o capítulo VI – Educação e espiritualidade ecológicas –, indica que o crescimento, o amadurecimento e a santificação da pessoa humana só acontecem quando ela mais se relaciona, sai de si mesma para viver em comunhão com Deus, com as outras pessoas e com toda a criação. Lembra ainda que tudo está interligado, e isso convida-nos a desenvolver uma espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade.

Na conclusão da *Laudato Si*, nos n. 241 a 245, o papa pede que coloquemos este mundo ferido nas mãos de Nossa Senhora e que incluamos essa nova dimensão da ecologia integral em nosso exame de consciência. Porque Deus nos chama a uma generosa entrega e a oferecer-lhe tudo. Lembra que também ele nos dá forças e a luz de que precisamos para prosseguir. Afirma que no coração deste mundo permanece presente o Senhor da vida que tanto nos ama. Ele não nos abandona, não nos deixa sozinhos, uma vez que se uniu definitivamente à nossa terra, à humanidade, e o seu amor nos leva a encontrar novos caminhos. Que ele seja louvado.

7 Considerações finais

Ao longo da história da humanidade percebemos que, quando os seres humanos ainda não tinham suas vidas tão concentradas em grandes cidades, a relação deles com a natureza se dava de modo harmônico e respeitoso, uma vez que dela dependiam essencialmente para sua sobrevivência. Com a concentração das populações nos grandes centros urbanos e com o advento da industrialização, houve um distanciamento do ser humano em relação à natureza, porque trabalhava nas cidades e nas indústrias. Apenas outras pessoas, em menor número, se dedicavam a extrair da natureza os alimentos necessários para atender às populações das cidades.

A grande mudança, ocorrida com a globalização e com a sociedade só de mercado, exigiu ainda mais do campo alimentos e recursos para o desenvolvimento das nações. As pessoas passaram a ser elementos de produção e só consideradas importantes na medida em que aumentavam seu poder de consumo. Ocorreu uma grande transformação na sociedade e no modo de retirar os bens da natureza, desordenadamente. A natureza passou a ser apenas objeto de extração de bens para a produção e depósito de rejeitos. Não foi respeitada a sua integridade e nem admirada sua beleza. Matas foram dizimadas, a fauna e a flora foram atingidas, espécies de animais e vegetais foram extintos, o ar e a água poluídos. A temperatura da terra sofreu aumento devido ao acúmulo de gases de efeito estufa. Todas essas agressões estão causando eventos climáticos desordenados que atingem todo o planeta.

Por isso somos chamados a mudar hábitos e atitudes. Respeitar a criação como dom de Deus que precisa ser preservado, defendido e cultivado de forma sustentável. Colocar o interesse econômico em segundo lugar, para que nossos descendentes também possam viver no mundo com as condições ideais de vida (água, ar, terra, alimentos, flora, fauna...). Para que possam também se deleitar com a criação de Deus e junto com o papa Francisco possam pedir: “Senhor, tomai-nos sob vosso poder e vossa luz, para proteger cada vida, para preparar um futuro melhor, para que venha o vosso Reino de justiça, paz, amor e beleza. Louvado sejais. Amém”.²⁹

²⁹ FRANCISCO. *Laudato Si*. Parte final da oração cristã com a criação.

Referências

- BARBAULT, Robert. *Ecologia geral: Estrutura e funcionamento da biosfera*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. 7ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia – mundialização – espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993.
- BOFF, Leonardo. *Ética da vida*. Brasília: Letraviva, 1999.
- BOFF, Leonardo. *A grande transformação: na economia, na política e na ecologia*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DAJOZ, R. *Ecologia geral*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.
- JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*, pelo vigésimo aniversário da Encíclica *Populorum Progressio*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.
- MAZZAROLO, Isidoro. *Florilégios da Bíblia I*. Rio de Janeiro, 2009.
- ONU alerta que mudanças climáticas podem causar tragédia humana. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 04 nov. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2016/11/1829188-onu-alerta-que-mudancas-climaticas-podem-causar-tragedia-humana.shtml>>. Acesso em: 14 nov. 2016.
- PEREIRA, Pilato. Introdução à ecologia numa perspectiva pastoral. *Cadernos da ESTEF*. (2004a). Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, v. 13, n. 32, p. 70-82, 2004a.
- PEREIRA, Pilato. *Visão cristã de ecologia: uma teologia da criação*. Cadernos da ESTEF. (2004b). Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, v. 14, n. 33, p. 79-89, 2004b.
- SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus: Deus e Criação*. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquem, 2003. (Coleção Livros Básicos de Teologia 5).